

3º Simpósio Internacional de Estudos Sobre Futebol: políticas, diversidades e intolerâncias.

Torcidas e Socialização em Campos dos Goytacazes: entre torcer, competir e resistir¹.

RODRIGO DE ARAUJO MONTEIRO*

LETICIA DEL RIO PEDROZO BRAGAIA DEGENARI**

GABRIELA BENTO VIDAL ***

Introdução

Apresentaremos resultados parciais de pesquisa qualitativa realizada com torcedores e torcedoras (organizados e não) de um clube do interior do estado do Rio de Janeiro, o Goytacaz, durante os anos de 2017 e 2018, pretendemos apresentar nesse artigo, breves resultados, articulando dados sobre gestão e governo da torcida, ou seja, aquilo que entendemos como processo pelo qual a organizada em questão escolhe e legitima seus dirigentes, gestores, representantes e as relações dessa organizada com organizadas consideradas aliadas e de outros clubes de outras cidades.

Entendemos que a partir de trabalho de campo em jogos e reuniões, entrevistas semi-estruturadas e inserção em grupos de redes sociais, é possível pensar a construção de sociabilidade por meio de tensões e conflitos entre formas de torcer, a partir da produção de distinção e categorização, e as construções normativas que configuram as práticas de torcedores ainda como espaço masculino reservado (DUNNING, 1991), mas com disputas e conflitos. Também apresentaremos as formas pelas quais os torcedores e torcedoras desta organizada classificam demais torcedores e a si mesmos, em processos de rotulações derivados a comportamentos atribuídos a outrem. Por fim, apresentaremos as relações entre o chamado subgrupo feminino, um subgrupo da organizada, e parte

¹ Artigo apresentado como parte integrante dos anais do 3º Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol. Pesquisa realizada com apoio da FAPERJ e da PROPPI/PIBIC/UFF.

* Universidade Federal Fluminense. Departamento de Ciências Sociais de Campos dos Goytacazes.

** Universidade Federal Fluminense. Graduanda em Ciências Sociais. Bolsista de Iniciação Científica da FAPERJ.

*** Universidade Federal Fluminense. Graduanda em Ciências Sociais. Bolsista de Iniciação Científica do PIBIC UFF.

integrante da mesma, com o restante dos subgrupos, distribuídos por bairros e regiões da cidade e de fora dela.

1. O Governo da Torcida

Pensar na forma como uma torcida organizada é governada implica necessariamente pensar em um conjunto de alianças associadas a valores, práticas e pessoas. Implica também pensar em construção e gestão de rivalidades, mas a partir de alianças que não negam o conflito, mas produzem, a partir dele sociabilidade. Implica o dever sociológico de pensar também na calibragem de expectativas dos governados acerca dessas e outras decisões, tais como as políticas que a organizada vai traçar com relação ao clube, aos seus jogadores e às torcidas rivais e às do mesmo clube. Ou seja, pensar nas estratégias desenvolvidas por torcidas organizadas a partir de um conjunto interno de disposições, alianças e conflitos de interesses diversos e que não se orientam apenas por lógicas inerentes ao grupo organizado, mas também por concepções e práticas sociais.

O governo da torcida pode estar orientado por múltiplos cálculos, produzindo simbolismos, distinções, mas sempre visando garantir e estruturar relações orientadas por diferentes lógicas.

Neste sentido, a pesquisa sobre a torcida pesquisada, ajudou a revelar alguns dados pertinentes: a não existência de um estatuto, regimento interno, ou qualquer forma de contrato formal entre os integrantes para regular relações, estabelecer critérios formais de preenchimento dos cargos, e produção das hierarquias internas de cargos e de subgrupos. Desta forma, podemos anunciar desde já que a organizada em questão não se enquadra no modelo de dominação racional legal, como pensado por Weber (1986).

Segundo dados da pesquisa qualitativa, a estrutura da torcida tem como base os chamados distritos, que organizam os torcedores por seus respectivos bairros. Estes distritos são em um número de “sete mais o feminino”, segundo afirmação de organizados entrevistados. Seis distritos representam bairros da cidade de Campos e um deles torcedores de cidade vizinha. O distrito feminino organiza e centraliza a presença de

mulheres na torcida, não estando elas dispostas em seus bairros, mas alocadas em um distrito específico, o único definido e organizado por gênero, falaremos disso mais adiante. Ainda que venham de distritos que já estejam representados.

Depois dos distritos, e acima na estrutura hierárquica, estão os diretores dos distritos, o diretor financeiro, o diretor geral, o vice-presidente e, no topo, o presidente.

Não há duração pré-determinada de mandato para os diretores e demais cargos. As escolhas dos representantes por distrito se dão também de maneira informal, mas algumas regras não regulamentadas burocraticamente parecem nortear “a conquista e manutenção do poder” por parte dos diretores e demais cargos estruturantes da torcida.

Entre elas são ressaltados pelos torcedores a capacidade de mobilização e articulação para que se constitua como diretor de um distrito. A isso se soma a ideia de que um diretor deve ser capaz de tornar e garantir um núcleo ativo, ou seja, capaz de mobilizar novos membros e mantê-los na organizada, se fazer presente em eventos e em atividades convocadas pela organizada, como preparativo para jogos do clube, atividades recreativas e lúdicas e mesmo venda de produtos como camisas, bonés, bermudas, etc. Itens componentes da chamada “farda”.

Colocado sob vigilância dos governados, o diretor se consolida no cargo à medida que fornece provas de sua dedicação, empenho e capacidade de convencimento e mobilização de novos membros. O diretor é também ele dirigido, vigiado, constrangido pelos dirigidos, mas por seu próprio ethos que o constitui e tem como fundamento normativo a noção de atividade e a aplicabilidade e checagem do “conceito”, da “confiança”: ou seja, a aquisição de conceito e confiança se dá a partir de sociabilidade com outros membros e que através das quais, os organizados percebem que aquele membro cumpre um conjunto de normas e regras de procedimentos estabelecidos coletivamente. Ser um diretor de um núcleo ativo dá a ele governabilidade, mas ter governabilidade significa governar, em um governo de si orientado por um conjunto de condutas, práticas e símbolos que dão ao diretor o consentimento dos dirigidos e dos seus superiores. O consentimento, a legitimidade, não se apresentam como dadas, mas como em Weber (op.cit), precisam ser alcançadas, construídas e conquistadas.

A ascensão e permanência dos organizados nestes cargos parece, então, estar ligada a um conjunto de procedimentos e condutas onde os “governados” e os

“governantes” controlam e são controlados. Esses procedimentos constituem um conjunto de condutas testadas e resultantes de vigilâncias difusas sobre condutas, comportamentos e práticas. Um *big brother*, um campo de futebol com inúmeras câmeras mais o árbitro implacável de vídeo, olhos que tudo veem e reportam.

A produção de hierarquias, portanto, como sistematizador e organizador dos cargos de gestão na torcida está associada a um conjunto de procedimentos e sua vigilância. Vigilância difusa, vigilância de diretores e vigilância de dirigidos. Em forma de celebração, um organizado afirmou que ‘quando meu Diretor começou a namorar, eu percebi que ali teria uma chance, pois ele não poderia se dedicar à torcida com empenho’. Um alerta. Um desejo. Ser diretor significa vigilância, produção de um distrito considerado e visto como ‘ativo’. Um núcleo ativo de membros ativos, não passivos, não sem atividades, não sem custos e onerações a que são consideradas as partes passivas de empresas. Uma palavra, muitos sentidos. Diretores que são controlados por uma subjetividade contábil (Dardot & Laval), de difusas empresas de si.

Hierarquizados, portanto, a partir de procedimentos que se associam ao universo de ativos, a uma vigilância que também orienta comportamentos com escalada moral, e cercas que limitam escapatórias.

Se nos anos 1980 e 1990 em São Paulo, era possível reconhecer uma torcida uniformizada (Toledo, 1993), essa classificação parece não ter sido adotada no estado do Rio onde as organizadas assim se definiam e com imagens associadas a símbolos de virilidade, braveza (macho guerreiro) e guerra (como o canhão da Torcida Jovem Fla). Ou ainda de resistência (como o punho da Raça Rubro Negra). No entanto, a forma como agora está sendo chamado o uniforme remete mais uma vez à associação ao universo militarizado, qual seja: a farda.

É a partir de um uniforme, uma farda, um símbolo de identificação do guerreiro, de um adereço com ‘alcunha’ de aparato militar cuja perda para o rival, para o adversário, para o inimigo simboliza humilhação, negação da dignidade masculina, a própria possibilidade de desconstrução do caráter guerreiro e da comunidade imaginária (Anderson, 2008), idealizada cujo símbolo passa a ser depreciado constantemente pelo rival em exposições públicas nos estádios, nas páginas das redes sociais. Juntamente com a queima da farda, da bandeira, dos adereços de menor prestígio simbólico se queima também a honra. Queimar a farda é queimar um bem com valor, valor de uso, valor de

troca, mas, sobretudo queimar um signo, a indicação e queima de um valor já criado. Farda que representa fantasias adotadas por atores em cena (Goffman, 1985), em um tablado de asfalto, ou em uma arquibancada de cimento.

Queimar a farda é, portanto, ato que deprecia o conjunto construído de uma masculinidade orientada por vender um bem que simboliza o universo masculino guerreiro, a queima da honra e do ethos guerreiro (Elias & Dunning, 1993). Se deprecia a farda que é queimada, por outro lado, valoriza a farda de quem atea fogo, destrói ou queima um tecido carregado de significados (Monteiro, 2003).

Queima-se também a “imagem”, bem simbólico de empresas. Empresas que podem também vender fardas e produzir masculinidade guerreira, desafiadora e desafiada por adversários, inimigos e rivais.

Mas torcidas que, como pequenas comunidades imaginadas (Anderson, 2008), buscam alianças, pactos, organizações e associações para produzir proteção, segurança e trocas orientadas por rivalidade a inimigos comuns, mas de igual tamanho e proporção. Curiosa é a formação de alianças por parte de torcidas organizadas de clubes de menor torcida. Não se associam, segundo os entrevistados, a torcidas dos ‘grandes clubes’ dos estados, pois ao fazerem tais pactos, deixariam vulneráveis e insatisfeitos os seus que torcem para eles:

“Aqui na Organizada tem torcedor do Flamengo, do Vasco, do Botafogo e do Fluminense. Então não podemos nos associar a nenhuma das organizadas deles”.

As alianças se dão, portanto, com torcidas organizadas de clubes de mesma dimensão.

Esse arco de alianças, a OTAN² das Organizadas, visa oferecer proteção, apoio e demais trocas durante viagens para cidades onde as outras organizadas atuam, mas onde também podem ser encontrados rivais aliados a outros organismos. Assim, a gestão da

² Organização do Tratado do Atlântico Norte é um pacto militar entre países desenvolvidos do hemisfério norte.

torcida precisa também compreender alianças, construindo organismos que organizam e reforçam rivalidades locais, regionais e estaduais.

Dividida em distritos ativos, com diretores vigiantes e vigiados, orientados para mobilização permanente de seus liderados, que constantemente vigiam o cumprimento de práticas normatizadas na informalidade e que dão conceito ao membro líder ou liderado. Líder que pode ser liderado no conselho de onde se tomam decisões que fazem subir ou ascender nas escalas hierárquicas. O líder que é liderado por vigilantes constantes de seus procedimentos informalmente construídos. Líder que precisa cumprir um estatuto informal, sob pena de um fiscal de fronteiras demover sua posição caso o passaporte não se faça condizente com as condutas e as regras informais produzidas por um grupo. Regras e condutas que produzem conceito e que podem estar orientadas ao sabor do momento. Podendo ser invocadas, sonegadas, esquecidas. A depender do jogo, a depender das capacidades de articulação, gestão e de observância da “confiança”, do “conceito”.

Durante a pesquisa, também fomos apresentados à ideologia da torcida. Uma ideologia não consensual, não hegemônica, mas que pressupõe que o ser torcedor organizado, liderança ou liderado, pode brigar com o rival, com o adversário, podendo lhe impor derrotas que são morais e simbólicas, mas não lhe pode impor a morte, pois essa imposição mancha a imagem da organizada. A vida garantida pela “imagem”, a empresa organizada que (não) pode ter a imagem “queimada” se demonstrar covardia, uma vida líquida, mas não desperdiçada (Bauman, 2005). Covardia, o oposto da braveza, do macho que vence o outro “na mão”. A arma, um bem que tira vida e a honra do macho torcedor e foge ao escrutínio da “igualdade de condições”, pois significa acesso a um bem de valor e que pode ser mobilizado por apenas uma parte, fora de um legado mais democrático e justo de enfrentamento do inimigo.

Tem se aqui um sujeito construído, um torcedor organizado entre tantos outros, mas que capta disposições da sociedade neoliberal (Dardot e Laval), pois se constrói na competição, na internalização de regras empreendedoras, na empresa de si, mas que também flerta com um modelo de masculinidade, o do “ethos guerreiro”. Um macho das camadas populares e neoliberal.

O constrangimento como dispositivo de controle e de garantia de vida, e que associa a imagem da organizada a aspecto pejorativo, bárbaro. O processo civilizador em

seu limite. O limite da imagem empresarial. Limite que não é dado pela perda da vida alheia, mas pela queima do ativo torcida, da empresa organizada.

Torcida Organizada em sua noção de poder, de governo e de política. Poder que não é um produto, uma coisa, uma bola que só está nos pés de um, mas que é disputada e onde a sua posse é maior ou menor para um grupo e para outro, um objeto que apenas um tem e outro apenas cede como que emprestado. Poder, cuja experiência resulta de cumprimento de disposições que desembocam na construção do “conceito”. “Conceito” que pode ser tirado, movido, transferido. Poder que significa tão somente uma fração em sua parte maior nas mãos de um ou de uns, nunca uma bola, uma chuteira, ou uma farda que um ou uns têm e que o outro ou os outros não têm. Na perspectiva da sociologia figuracional de Norbert Elias (2008), o poder não é patrimônio permanente, cativo, como as antigas cadeiras perpétuas do Maracanã, mas fluído, variável, oscilante.

2. Torcedores e suas categorias

Assim como nos cargos, os torcedores organizados e não organizados também vão se diferenciar por seus perfis, definidos pelos mesmos. Essas identificações foram encontradas em entrevistas e em observação participante, e se delongam em “torcedor normal” como sendo aquele que gosta de assistir ao jogo como qualquer outro torcedor que não pertence a uma organizada, esses costumam estar acompanhados de seus familiares (crianças e idosos), assim como torcedoras acompanhadas de seus filhos, amigas e/ou companheira (o). Normal, um torcedor ordinário, da normalidade difusa e ordeira, um torcedor quase padrão FIFA. Para os organizados, são os triviais, mas são triviais a serem conquistados, convertidos, e, se possível, a serem transformados em “anormais” e “incomuns”.

O assim chamado “torcedor duplo” é muito comum observar nas idas aos jogos, em que, com exceção de partidas clássicas³ é permitida a entrada no estádio com camisas de outros clubes, sobretudo aqueles que se encontram na série A (como Fluminense ou

³Com a presença do GEPE (Grupamento Especial de Policiamento em Estádios) há uma cobrança maior para seguimentos obrigatórios de normais universais, como revistas femininas e masculinas, listagem de entrada de materiais das organizadas e proibição de objetos que possam vir a amedrontar ou ferir alguém.

Flamengo) ou os que possuem aliança com o essa organizada em questão (como América, por exemplo). Essa dualidade também é perceptível nos grupos de WhatsApp de torcedores, visto que estes não negam seus estímulos para dois clubes, mesmo que não seja de estrito senso debater assuntos de outros clubes. O “torcedor duplo” é o mestiço, aquele que não é “raça pura”. Ao mestiço, cai sempre a dúvida, a insegurança, quase que uma suspeição sobre: a quem ele torceria se o seu clube local enfrentar o seu clube da capital? Que laços afirmar? Que identidade assumir? Que pele e que camisa vestir?

O “torcedor modinha” só vai aos jogos quando o clube está no auge, ganhando e vendo o aumento da presença de público, trocando os jogos por qualquer outro tipo de evento que possa parecer ser mais interessante na sua concepção. O modinha, para o organizado, não tem compromisso com o clube ou com a torcida, está abaixo do normal e do duplo. É o que, para o organizado, se orienta e se refere pelo status e pela posição do clube na moda dos campeonatos, copas, torneios e mídia. Virou moda, veste. Virou *old fashion*, esconde, como numa relação de consumo com o descarte condicionando dispositivos de socialização. Mas aqui a adesão é condicionada ao momento.

O “pós-torcedor” (GIULIANOTTI, 2002) é encontrado no campo como torcedor *selfie* ou “nutella”, se adequando ao que se diz torcedor moderno, incorporando comportamentos que priorizam pelo consumo e status. É importante ressaltar a forma como esse estilo de torcer é notado pelos organizados, como sendo a representação concreta de um inimigo que ameaça o preço do ingresso com valores mais altos. Um adversário que representa a arenização dos estádios, o fim do “espetinho”, do freezer enferrujado com latão a R\$ 5,00. Para o organizado, é preciso resistir ao futebol moderno, portanto, é preciso desqualificar sua materialização em um perfil de torcedor moderno. É comum a associação do “*selfie*” a times internacionais que possuem jogadores renomados e estádios estruturalmente modernizados, galácticos, glamorosos, que habita as chamadas arenas, em que esse estilo de torcer busca prestígio social por sua posição momentânea, fugaz, diferentemente de um torcedor que se diz “fanático” e que acompanha a trajetória do clube, sendo considerado, na maioria dos casos, um torcedor raiz por se apresentar o oposto do pós-torcedor, uma vez que, sua relação com o clube seria vista por eles mesmos, como mais orgânica, mais enraizada, com mais chão, com vínculos mais profundos. Esse torcedor se afirma como o que vai aos jogos pela emoção sentida, pelo envolvimento no torcer. Envolvimento, ou seja, a construção de relações sociais orientadas por um estilo de torcer que se afirma superior, sábio, como plateia especializada e também categoria a

ser seduzida e com alto valor de mercado simbólico. Converter um “raiz” à organizada é adquirir mercadoria simbólica de alto valor na bolsa das organizadas. Para os organizados, há tipos de raízes que se destacam e distinguem. Desde o ilustre, aquele que é referência e representa vivamente a história e a memória do clube ao folclórico, o personagem fantasiado ou não, uma figura carnavalesca, uma lenda. Raízes ilustres e raízes folclóricos são reconhecidos pelas organizadas, mas também pela própria estrutura do clube que “abre portas”, dispensando formalidades e lhes sendo garantidas honrarias e privilégios. Status que se constroem e são construídos com reconhecimento e legitimidade.

Para os organizados, o “torcedor fiel” é leal ao clube e vai com frequência aos jogos, mesmo não sendo membro de uma organizada. Por conseguinte, o “torcedor organizado” se subdivide em duas categorias, que se diferenciam pelos perfis das pessoas: o torcedor de bancada, aquele que tem a função de organizar, e fazer a ‘festa’ no estádio, puxando cantos, xingamentos, levantando símbolos como bandeiras e tocando instrumentos de percussão, e o torcedor de pista, o torcedor organizado para brigar com torcedores considerados rivais, constituindo, segundo os próprios, parcela relevante dos atuais integrantes da organizada. Por fim, uma outra categoria encontrada é o “torcedor alemão”, que transita em mais de uma organizada.

É evidente que o campo pesquisado traz, através das categorias expostas, existentes segregações que regem as regras e confianças dentre os torcedores e que essas não devem ser ignoradas. O que se diz sobre “torcedor de verdade” deve ser analisado e questionado em seus diferentes campos considerando suas diferentes organizações sociais.

Sistemas classificatórios ajudam a organizar e ordenar o mundo em suas definições e estabelecem valores e normas tratados como ideais e como indesejáveis, ao mesmo tempo que criam pontes, também abrem campo para os conflitos.

3. A (in) visibilidade de mulheres no futebol

O mapeamento do campo constituído com idas ao estádio para presenciar os jogos, tornou possível observar facilmente distinções entre grupos de torcedores organizados, que se aglomeravam em cantos específicos em meio ao público geral nas arquibancadas.

Era 2017, sábado à noite, partida válida para a segunda divisão do estadual do Rio, estádio lotado, colorido de alvi anil, sons difusos, cânticos, ruídos, batuques organizados e não, mas que disputavam o Aryzão⁴. Palavrões! Nota-se uma mulher no ponto mais alto da arquibancada em posse de uma bandeira, a porta-bandeira, em destaque, “junta, mas separada” do restante dos organizados, sem outras mulheres ao redor, mas portando o símbolo de um dos distritos que mais tarde se descobriria ser constitutivo da organizada. Na bandeira, uma mulher loira, branca, uma representação que se confunde com a líder de torcida de time universitário norte americano.

A partir desta identificação chega-se à torcedora, a porta-bandeira, que por uniformizada, indicava ser parte de um grupo: o Distrito Feminino (subgrupo da organizada) enquanto segurava e balançava em movimentos circulares uma bandeira que tinha como imagem, a representação de uma mulher loira.

Após o término do jogo, obter contato com essa torcedora foi de suma importância para buscar compreender o espaço que as mulheres possuem naquela organizada e nos situar nas relações futebol-mulher no Goytacaz Futebol Clube. De forma alegre e atenciosa, essa torcedora incluiu nosso contato no grupo do WhatsApp do Distrito Feminino, que naquele momento, estava buscando mulheres para ser tornarem torcedoras e somarem a torcida.

É importante ressaltar que nesse grupo, além das mulheres, fazia parte também o que hoje é o antigo presidente da organizada, sendo este o único homem, ao qual passava informações gerais da organizada e observava a movimentação do grupo. Na tentativa de marcar uma entrevista com a torcedora que a princípio se mostrava na liderança desse Distrito, esta nos informou que precisaria verificar com o presidente se poderia nos conceder essa conversa. Adiante, o presidente da organizada entrou em contato conosco, através de mensagens, justificando a impossibilidade da realização da entrevista, visto que, o Distrito Feminino estaria passando por uma reformulação de liderança, mas garantiu que após as decisões, poderíamos entrar em contato novamente.

⁴Apelido do estádio Ary de Oliveira e Souza.

Numa segunda tentativa, obtivemos dificuldade em ter acesso às torcedoras, por não demonstrarem interesse em conversar conosco. As mulheres com quem conseguíamos contato aceitavam conceder a entrevista, porém, quando chegava na data e hora marcada, desmarcavam e ao tentar contato novamente, não retornavam mais. Atualmente, entrevistamos a Musa do clube, que pertenceu a esse Distrito e que por condições familiares, possui relações internas com o clube.

O Distrito Feminino sendo um subgrupo da organizada se diferencia justamente pelo gênero, fazendo com que não seja considerado, pelos demais, um oitavo grupo, mas sim um subgrupo à parte, como dito por dois torcedores em entrevista, “sete Distritos mais um”. Atualmente, por não possuir uma quantidade significativa de mulheres para compor esse Distrito, é considerado não “ativo”, pois, ser “ativo” para esses torcedores é estar a todo o momento com a organizada. Contudo, o fato das torcedoras não serem consideradas ativas, implica na falta de diálogo e posteriormente na confiança que se cria. Confiança essa que serviria de base para que alguma mulher pudesse vir a ocupar algum cargo na estrutura geral da organizada, assim, esta poderia ser uma das hipóteses pela qual não há mulheres nos principais cargos que compõe a organizada em questão.

O subgrupo feminino pode significar valor positivo para a imagem da torcida enquanto empresa que incorpora e reconhece a diversidade? Ou podemos vê-lo como movimento que segrega, afasta, criando uma cerca, onde, sob vigilância e vigiando, se produz também sororidade? Efeitos clássicos das contradições dos processos sociais.

Em entrevista realizada com alguns membros da organizada, os mesmos justificaram o afastamento das mulheres do subgrupo, relatando que muitas delas iam para a torcida pela presença do namorado que participava ativamente como membro, dessa forma a ida aos jogos serviria como vigilância sobre tal. Assim, quando o namorado deixava de ser torcedor organizado, a mulher também deixava de frequentar a torcida, e conseqüentemente, de fazer parte do subgrupo feminino.

As constantes provas a que são submetidas às mulheres com questões ligadas às práticas futebolísticas são também colocadas para as organizadas aqui analisadas. Fora dos principais cargos de gestão da organizada, elas não teriam, ainda, adquirido confiança, conceito. Tendo que passar por mais checagens, avaliações, provas: um verdadeiro ENEM do Futebol masculino. Nesse momento, a inexistência de contratos formais torna a ausência de mulheres na direção como resultado de sua própria incapacidade, no sentido

que os organizados entendem a construção dos cargos, a “culpa” recai sobre a vítima. Assim, elas podem não conquistar os cargos por não se mostrarem nem ativas, nem confiáveis, embora em um núcleo exclusivo, restrito, especial. Seriam elas vulneráveis por serem vistas como sexo frágil e necessitarem de proteção, razão pela qual, a confiança não lhe é atribuída? Desta forma, os papéis reservados aos gêneros seguem como manda a boa tradição: aos homens, a racionalidade e a braveza; às mulheres, o cuidado e as emoções (Mosquera & Puig, 1998).

Qual seria o real papel das mulheres torcedoras nessa organizada? Um ponto ressaltado diversas vezes nas conversas que obtivemos é que, manter o Distrito Feminino atualmente é uma forma para que se conquiste mais público, mais membros, mais seguidores, “fiéis”. Contudo, a presença feminina também pode sinalizar uma torcida apta ao ambiente familiar, a atrair gerações de torcedores, capaz de propagar uma imagem que suavizam estigmas relacionados à violência em estádios.

Dessa forma, o reconhecimento ou não reconhecimento do Distrito Feminino, ocupa um lugar quase que secundário, sendo este de pouco valor, pouco mérito. Um grupo em confinamento. Uma cerca que não produz voz. Uma divisão de gênero, uma divisão hierárquica que buscam produzir silenciamento em suas capacidades e suas competências. Mas que, refletindo em outra perspectiva, a resistência das torcedoras em mostrar, seja através de bandeiras, camisas ou movimentos, que há um Distrito Feminino, há produção de sororidade apesar das barreiras enfrentadas, reivindica o futebol, o campo, os estádios, as arquibancadas como lugares de mulher, que lugar de mulher também é no futebol, é em campo, é nos estádios, é nas arquibancadas, e é nas organizadas. Busca-se reconhecimento. O gênero, portanto, passa a ser resultado de produção e percepção do que se dá na prática e a partir de fabricação ou produção, onde o gênero se materializa no corpo (Butler, 2011)

Considerações Finais

Apesar de torcerem para um mesmo clube, notam-se estratificações entre os torcedores, fazendo com que os mesmos se diferenciem entre si. Os organizados criam essas subdivisões para que tenham mais legitimidade e se destaquem dos demais

torcedores, expondo uma visão de que são mais unidos e melhores, produzindo a noção de “verdadeiro torcedor”, de “torcedor de verdade”. Pensando num esquema piramidal, para o organizado eles estariam sempre no topo.

As construções normativas que orientam condutas de masculinidades aqui se percebem na produção do que chamamos de governo da torcida, bem como na relação com o chamado Distrito Feminino. Não por menos, a torcida encontra em um conjunto não formalizado de procedimentos sua própria forma de produzir governos, gestões, padrões, alianças e rivalidades. As classificações sobre diversas formas de torcer não necessariamente mostram rupturas, mas conflitos, hierarquias, visando produzir pontes e distinções. Converter um torcedor mais distinto à sua organizada pode significar ganhos no mercado das torcidas, como que a compra de um ativo em mercado financeiro. Associados e identificados com base em símbolos, práticas, construções normativas, mas ao mesmo tempo, calibrados em competições de si e entre si, disputando, concorrendo por ser o mais ativo, o mais eficiente na gestão de si e na gestão daquilo que gere, mas que também é gerido. Adquirir conceito e confiança pode significar governar, mas sua aquisição também significa ser confiado, ser conceituado, ou seja, ser controlado e aprovado em escrutínios não regulamentados formalmente, mas em constante e intensa construção.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BAUMANN, Z. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 176p.
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter. On the Discursive Limits of "Sex"**. New York: Routledge, [1993], 2011.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo - Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **“Quest for Excitement, Sport and Leisure in the Civilizing Process”**. Oxford: Paperback, 1993.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MONTEIRO, Rodrigo. “Torcer, lutar, o inimigo massacrar: Raça Rubro Negra”. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- MOSQUERA, M. J. y PUIG, N. (1998). **Género y edad en el deporte**. En M. García Ferrando, N. Puig e F. Lagardera (Eds.). **Sociología del deporte**. (pp. 99-126). Madrid: Alianza Editorial.
- TOLEDO, Luiz Henrique. **Por que xingam os torcedores?** Cadernos de Campo, nº 3, 1993.
- WEBER. Max. **Os Três Tipos Puros de Dominação Legítima**. In: Cohn, Gabriel. *Weber*. São Paulo, Ática, 1986.